

Observação e transcendência.

O que supomos realidade e por ela conseguimos observar quantitativa e qualitativamente tem pouca relação com o que de fato ocorre no cosmos. O imaginário domina nossas formas de pensar.

Admito que outros seres e entidades tenham a condição de processar relações estímulo-resposta a partir das quais sejam formados campos eletromagnéticos similares aos que, em seres humanos, contenham pensamentos.

O significado do vocábulo *imaginário* toma relevo e deve ser preliminarmente clareado, da mesma forma que *observação* deve ser diferenciada de *vivência*, aqui entendida como processo natural individualizado, direcionado, dirigido e parcialmente submetido à vontade humana. Ser ou estar consciente de sua vivência é refletir liberto dessas restrições conceituais delimitadas por espaço-tempo-matéria-energia-entropias, transcendendo a realidade bio-físico-química que envolve contexto, atitude, formas de percepção e imaginário.

Vivo a inquietude geradora da vontade de aprender e tomar consciência das coisas existentes a meu redor, componentes do meu contexto. Mas, concretamente, não consigo *observar* essa inquietude. Posso analisar virtualmente a sua incidência temporária e, ocasionalmente, procurar entender o *fenômeno da inquietação* enunciando *probabilidades de causas e efeitos*. Mas, fora de um idioma e de uma linguagem essencialmente verbal, dificilmente conseguirei comunicar e transferir a quem quer que seja os resultados obtidos por essa incidência do imaginário..

Minhas formas de pensar, mesmo diante da autorreflexão, estão implicadas em algum idioma. Verifico não ser possível refletir e ordenar idéias e pensamentos sem recorrer a imagens empíricas ou verbais.

Ao ser alfabetizado tornei-me escravo de formas de comunicação dependentes da linguagem verbal próprias do meu contexto. Idioma, escala musical, ritmo de atividades, noções fundamentais, costumes e modelos fizeram e continuam fazendo parte desse conjunto condicionante. Intelectualmente estou implicado na dependência do que assimilo por palavras, construções lógicas e gramaticais nas relações verbais, sonoras, familiares, sociais e institucionais.

Na busca de libertação intelectual, decorridas mais de sete décadas durante as quais me desloquei por vários campos do conhecimento, tenho sido frustrado por não conseguir refletir sem recorrer à verbalização. Conseqüentemente, sem outras opções imediatas e sem vocabulário subjetivo, uma vez que não é de bom senso criar uma linguagem particular, tenho-me imposto um silêncio reflexivo. Por óbvio que meu insucesso nessa busca tem sido freqüente.

O intelecto é falho e impreciso ao proceder sem recorrer à gramática e à lógica. Reconheço no idioma materno algumas figuras de linguagem sobre as quais foram implantados os recursos disponíveis na minha memória verbal.

Constato que me distanciei das formas de comunicação não verbalizadas. Essa distância se tornou abismal na medida em que, por mais que me esforce, pouco consigo decifrar da linguagem dos pássaros, gatos, cachorros, vacas, cavalos, plantas e aves animais integrantes do meu contexto. As formas de comunicação entre os integrantes da fauna ictiológica são-me também inacessíveis. Questiono-me a razão pela qual vivencio essa dificuldade.

Na sequência, por tentativas e erros, tenho constatado que as imagens também são traidoras na medida em que são pobremente identificadas. A verificação de existências por meios diretos depende da acuidade sensitiva de quem as reconhece. Algumas minúcias que nos são inacessíveis devido às nossas limitações biológicas somente são captadas nos limites de nossa percepção empírica. Tornam-se fruto da percepção transcendental. Insensivelmente somos atingidos por raios ultravioletas e infravermelhos, por ondas ultra e infrassônicas, ondas eletromagnéticas que ressoam luzes, sombras e contrastes. Tais fenômenos induzem à transcendência das formas de percepção empírica e à concepção de formas, contornos e dimensões por vezes teratológicas. O processo mental na forma de pensamentos sugere a *existência implicada e simultânea entre espaço-tempo-matéria-energia-entelexia-entropia*.

Refiro-me à entelexia como o sistema dinâmico de forças e movimentos ordenatórios presente em cada ser ou entidade, direcionado a aperfeiçoar e efetivar a razão de sua existência. Em outras palavras, corresponde ao conjunto energético contido no DNA condicionante do que somos ou seremos. A entelexia nos impulsiona visando a ordenação e materialização do disposto nos imperativos genéticos aos quais todos os seres e entidades parecem estar limitados.

Nos contornos dessa abordagem entropia expressa o conjunto de forças que resistem, opõem-se e obstaculizam as forças direcionadas à ordenação, realização e aperfeiçoamento do ser em si. Substituo o *resultado isolado* da observação empírica como fonte geradora dos conceitos por uma combinação de *fragmentos de cognição intuitiva*. Procuo transcender o que me parece observável tendo por instrumento *supostas formas avançadas de percepção*.

Pela intuição deixo-me ingressar nos campos de conhecimento cujas formas de percepção transcendem as relações empíricas. Assumo coexistir em contextos imaginários e simultâneos aos contextos empíricos, porém sem as limitações determinadas pela minha capacidade sensitiva. Relações espaço-tempo-matéria-energia-entelexia-entropia induzem essa transcendência. Adoto intuitivamente alguns postulados pelo quais assumo que *Deus existe não só em Si (eins sein) e por Si (ds sein)*, mas simultâneo

com o Cosmos (mit sein), integrado por nas relações espaço, tempo, matéria, energia, entelexia e entropia. *É o mais seguro e menos relativo referencial de existência.*

Recorro às imagens materiais, virtuais e abstratas enquanto me pareçam fundamentais ao estabelecimento, coordenação e desenvolvimento dos processos cognitivos. Dessarte, só em *forma fragmentada e incompleta*, posso observar empiricamente o que me chega pela percepção do contextual sensível. E transcendem as observações o resultado de percepções transcendentais de escapa aos sentidos. Adiciono remendos e complementos *imaginários e transcendentais* à reflexão fruto da observação procurando aperfeiçoá-la.

Nos escritos aristotélicos há algumas referências à *entelexia*.

Imaginário e entelexia propiciam reflexões sobre a veracidade do que pensamos. Ao apoiar-me em *observações e transcendências* sinto necessidade da categorização de vocábulos e daquilo a que se referem.

O princípio ordenatório que rege intuitiva e racionalmente o processo cognitivo exige o enquadramento subliminar da palavra nas categorias gramatical e lógica que lhe seja própria. Antes do jogo devo saber sob que regras e com quais jogadores ele pode ser levado adiante. Antes de refletir o jogo das palavras exige regras e jogadores aptos a segui-las.

Visando ordenar, processar e expressar idéias e pensamentos e agir em função deles, torna-se imperativo ter gravados na memória alguns significados essenciais quanto à natureza, categoria gramatical e lógica, atributos qualitativos, funções e valores de seres e entidades que nos sejam contextuais.

Gramaticalmente reconheço *observação* como *substantivo abstrato que designa uma ação humana*. É ação porque resulta da vontade do observador. A vontade está implicada na resultante de um sistema de múltiplas forças integrado também por *entelexia* e *entropia*, ou seja, pela *vontade de ordenar* ocorrendo simultaneamente à desordenar. Emerge dessas reflexões uma regra: cada observação resulta de um arranjo entre vontade de aperfeiçoamento e a vontade de retroceder.

Desde a preocupação de Aristóteles em identificar o processamento das palavras por categorias gramaticais até os tempos atuais, em que o contexto cósmico se revela dinâmico, mutável e em tudo provisório, o processo de reconhecimento das categorias gramaticais em que classificamos as palavras é quase imperceptível.

No ensino básico está presente grande esforço dos professores para que os estudantes se acostumem a processar racionalmente o uso das palavras respeitando as categorias gramaticais. Todavia, caso alguém seja questionado enquanto fala ou escreve sobre as categorias gramaticais dos vocábulos que esteja usado ficará surpreendido. Interromperá sua verbalização e terá de recorrer à memória verbal para oferecer resposta.

A identificação das categorias gramaticais no uso das formas de comunicação verbal tornou-se um processo tão desusado que a rotina nos faz proceder sem refletir sobre esse enquadramento. O processo cognitivo tem seu curso auxiliado pela memória verbal registrada em comunicações anteriores.

A *observação* identifica-se gramaticalmente como *substantivo de natureza abstrata, sem forma, sem cor, sem odor, sem superfície, sem massa e sem volume*.

Há razões naturais conducentes à identificação e classificação das palavras em categorias gramaticais, especialmente tendo em vista a função lógica que assumem na formulação do pensamento. As categorias podem ser acessadas por diferentes vias sobre distintas bases filosóficas. Aristóteles recorre ao que se pode designar como *ordem das categorias gramaticais*, sendo essa ordenação ativada e impulsionada pelo *gênio* indutor que deu origem ao idioma. Kant enumera dentre os conceitos *a priori* doze categorias gramaticais. Sem ir mais longe, de maneira genérica, estudiosos de Filosofia encaram as categorias como *conceitos de vasta compreensão sob os quais são interligadas ideias e fatos*.

Subjetivamente, entendo as categorias como imperativo intrínseco à linguagem verbal tendo em vista a indesviável relação entre o empírico e o transcendente. Dentro de nosso entendimento *as categorias em si mesmas resultam de uma pré-ordenação de relações, quer reais (empíricas) quer virtuais.*, *Essa interação é processada de forma inconsciente no ajustamento dos campos eletromagnéticos que constituem nossa memória verbal.* O código regente dessa *pré-ordenação obedece a um sistema conatural de forças regido por padrões peculiares a cada gênero, espécie ou indivíduo.* Reforçam esse entendimento os estudos referentes à *conaturalidade*, desenvolvidos desde Tomás de Aquino até atualmente no campos da Genética

A inclusão das categorias gramaticais neste brevíssimo texto apenas teve por objetivo *clarear o que pode ser observado* e o que, fora da *observação*, só pode ser acessado pelo *transcendente*.

A adjetivação fácil nos leva a admitir um *imaginário racional* e um *imaginário irracional*. Outras adjetivações também são compatíveis, a saber:

- a) *imaginário laico*, de natureza pragmática,
- b) *imaginário cético* simultâneo ao *imaginário crédulo*,
- c) *imaginário autoritário*, ditado pela credibilidade atribuída à fonte da informação,
- d) *imaginário empírico* gerado nas experiências sensíveis,,
- e) *imaginário amoroso*
- f) *imaginário intuitivo*.

Sob qualquer desses aspectos ou faces de abordagem, *a observação ocorre sempre subordinada à capacidade de transcender a realidade sensível*. Portanto, a partir dessas

crenças, reconheço estar aprisionado verbalmente a categorias gramaticais e lógicas sob cuja implicabilidade consigo assimilar algo do que transcende o contexto. O resultado a que sou conduzido pela *observação* repousa na *subjetiva capacidade de percepção empírica acrescida ao potencial imaginativo*, ambos dependentes da memória.

Procuro não adjectivar *competência criativa* com os mesmos atributos da *capacidade imaginativa*, posto que ambas são claramente diferenciadas nos seus resultados, embora pareçam originadas em semelhantes raízes intuitivas.

Entelexia e *entropia* são designativos destinados a dar nome a *idéias*, portanto *abstrações*, supostamente reguladoras de *fenômenos físicos*. São gramaticalmente categorizados como *substantivos denatureza abstrata por estarem fora do nosso limar de percepção sensível*, embora refiram-se a *fenômenos físicos*, portanto de *natureza concreta*. Resultam de *observações filosóficas*, de nomenclatura antiga e revelam *crenças* de pensadores ilustres. São fenômenos de *impossível observação direta*, extremamente dinâmicos e cuja ocorrência é *intuída*. A impotência humana de *observá-los objetivamente* é limitada pela acuidade de nossos sentidos. Para entender *entelexia* e *entropia* importa reconhecer as dimensões quânticas em que ocorrem.

Entelexia. Em poucas palavras: a etimologia identifica nesse designativo *o que está acabado, perfeito e completo em suas características e razões de existência*. Originariamente Platão usou o substantivo para referir-se aos *movimentos interiores direcionados a cumprir e completar a natureza própria de cada ser ou entidade*.

Assimilei por leitura da obra platônica que a *idéia* de *entelexia* se assemelha à definição mística do que é *a vontade do Criador*. Pretende traduzir a dinâmica e os movimentos internos implicados na existência de cada ser ou entidade visando seu aperfeiçoamento e tenham por acabada a complementação do projeto original que lhes é referido. É o levar até à conclusão o projeto da Criação, misticamente designado por Vontade Divina. Pela ação desses movimentos interiores todos são responsáveis e deverão responder por suas razões, pensamentos e práticas.

Aristóteles entendeu a *entelexia* como a semente de perfeição implicada na existência de cada ser ou entidade. Com alguma similaridade esse conceito pode ser comparado ao DNA (ÁcidoDesoxirribonucleico), ou seja, disposição microscópica individualizada de moléculas e nanoentidades com função determinante das características físicas de cada ser vivo.

Para compreender *entelexia*, o *imaginário místico* ou *científico* induz à crença que vivemos sob a ação de *um sistema interno de forças e movimentos direcionados ao aperfeiçoamento de cada entidade*. Na origem esse sistema procura responder a uma *predeterminação ditada pela Natureza, revelando-se um sistema de forças e movimentos implicado na própria existência* do que *vier a ser, foi ou está sendo*.

Em linguagem simples, entendo *entelexia* como um *conjunto aberto de forças integrando campos eletromagnéticos e atuando sobre cada ser ou entidade*. A função cósmica desse conjunto corresponde a direcionar tudo que existe para alcançar e satisfazer a ordem natural das coisas.

Entropia. Nas primeiras leituras que me foram propiciadas pela Termodinâmica fui surpreendido pela informação de que seria possível medir, aumentar e diminuir a *confusão interna* presente em sistemas físicos isolados. A medida das variações da *entropia* corresponde ao *dimensionamento da desordem interna dos sistemas*.

Na escola secundaria, quando pela primeira vez ouvi falar de *entropia*, pareceu-me fora de questão a possibilidade de dimensionar a confusão interna em sistemas termodinâmicos, mesmo quando isolados. Especialmente imaginando os campos quânticos onde partículas e moléculas se integram e desintegram em velocidade impossível de ser imaginada. Não foi fácil deixar-me convencer quanto à *veracidade da expansão do conhecimento nos campos somente reconhecidos do imaginário*. Pareciam fantasias dos pesquisadores. Fugia à minha base de formulações supostamente científicas a possibilidade de provar a realidade *apenas* de forma indireta, com auxílio essencial de aparelhos e instrumentos mesmo que de altíssima acuidade e precisão. Era-me impossível dar crédito a observações que tivessem por objeto seres ou fenômenos impossíveis de serem alcançados pelos nossos sentidos. Foi a partir de então que comecei a refletir sobre o *poder da transcendência*. Nanopartículas, átomos, moléculas, estruturas atômicas e subatômicas sinalizam designativos para produtos do imaginário humano, cuja possível materialidade só tem sido sinalizada de forma indireta. Assimilar intuitivamente *ordem e desordem* regendo nanofenômenos corresponde a *imaginá-los em sequências intermináveis situadas entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande*. O que dificulta crer em limitações *definindo* existências!

As ciências físicas conseguem por definições operacionais e com a ajuda da matemática avançar muito em estudos sobre o *que ocorre na Natureza e cuja suposta existência alcançamos pelas formas empíricas de percepção*. A física newtoniana dá testemunho dessa afirmação.

Teoricamente não consigo racionalizar e compatibilizar informações transcendentais recorrendo apenas à prática laboratorial. Não me bastam os ensinamentos de Isaac Newton. Para superar as dificuldades de expansão do conhecimento não vejo como fundamentar razões apenas no empirismo. Por tais argumentos deixo-me conduzir ao *enunciado verbal de relações imaginárias*, embora usualmente questione os suportes empíricos sinalizadores de causas e efeitos. Permito-me abrir as portas e janelas do intelecto propiciando-lhe horizontes infinitos da abordagem transcendental. Recebo e assimilo, por essa atitude, contribuições muito generosas do misticismo.

Por formas transcendententes de percepção, os conceitos de *entelexia* e *entropia* levam à compreensão do que ocorre nas sociedades contemporâneas. Pode-se atribuir valores a variações dinâmicas das características das coletividades, sejam estas razoavelmente organizadas ou não. Verifico por analogia que as sociedades humanas se comportam como sistemas termodinâmicos. A *entropia* e a *entelexia* social podem ser dimensionadas quando operacionalmente estudamos suas variações no interior das comunidades.

Na medida em que *entropia* e *entelexia* são sistemas de forças que se opõem, pode-se admitir que estejam incluídas sempre em todos os contextos. Místicos e religiosos podem aproveitar-se dos conceitos e ensinar nos estudos da *ética mística a entelexia como expressão do conjunto das forças do bem* inserido na natureza de cada ser ou entidade e a *entropia* como o *conjunto das forças do mal*, alimentador da desordem. Ambos conjuntos coexistem e ocorrem simultaneamente.

Voltando ao início. *Observação e transcendência* são fenômenos simultâneos. Quando *observamos* e *transcendemos* o contexto dependemos essencialmente do *empírico* e do *imaginário*. Agimos tangidos por essas distintas formas de percepção. As coletividades agem similarmente

A quem toma consciência dessa simultaneidade fica propício o exercício da liderança. O líder passa a desfrutar dessa integração fenomenológica excitando inicialmente as forças que induzem à ordem. Elas integram a dinâmica existencial de cada ser humano. A *entropia* reage à *entelexia*. O líder vê-se enfrentando as forças contrárias, também conaturais. Ao lidar com multidões, o líder aproveita-se do imaginário coletivo dando-lhe as cores, formas e dimensões que quiser. Os conceitos éticos ficam alterados na escala dos valores morais. O exercício do poder contamina e altera as regras do jogo político.

A história ensina que lideranças muito destacadas atuam positivamente durante algum tempo. Nesse período excitam e servem à *entelexia* coletiva. Satisfeitas as exigências coletivas, passam a prevalecer as pessoais. O exercício do poder torna-se oligárquico.

A história ensina que, na sequência, os líderes são contaminados pela *entropia*. O exercício do poder provoca desgaste moral. A sociedade se desorganiza. Excitada pela insanidade política vinga sobretudo a ambição pessoal dos governantes. Esgota-se liderança e expande-se a *entropia* social.

Há relatos de episódios históricos em que, reagindo à *entelexia* geradora da liderança, as *reações entrópicas* levam as coletividades a tragédias teratológicas.

